

13ª sessão – Ciclo de Seminários **Ciências da Literatura** – 2013-2015

2º seminário doutorandos **Modernidades Comparadas**

Literaturas em Trânsito

Literatures in Transit

quinta-feira, **19 de março de 2015**, 16 hrs *Entrada livre*

Campus de Gualtar, CPI sala 309

Dr.^a Sandra Sousa (CEHUM)

Dos destroços à reinvenção da memória:

para uma leitura de Ulisses e Medeia na ficção de Hélia Correia

A criação ficcional levada a cabo por Hélia Correia encontra-se fortemente associada ao conceito de ruína como princípio de reconstituição da memória cultural e literária do Ocidente. Através da recriação da figura de Ulisses na anti-épica figura de Álvaro Roíz, protagonista de **A Casa Eterna**, ou a partir de uma re-dramatização do mito de Medeia, a autora importa para a sua obra a necessidade de reconstrução do passado a partir das suas sombras, recriando, adicionando e sobrepondo, construindo um texto em camadas. A obra de Hélia Correia, habitada essencialmente por figuras femininas, revela não só a ausência de drama, mas acima de tudo a recusa de transportar do passado personagens e histórias intactas. O passado constitui uma base viva, mas Ulisses e Medeia são exercícios de memória por meio das suas próprias cinzas, através de um processo cíclico de remembramento do passado.

Dr.^a Sandra Raquel Silva (CEHUM)

Escritas da utopia na literatura contemporânea – da utopia à distopia

Verifica-se que a utopia, em termos histórico-semânticos, evoluiu ao longo dos séculos, desde o momento em que Thomas More escreveu *Utopia*. Problematizar-se-á, num 1º momento, o contexto dessa evolução, de modo a justificar a prevalência de distopias na literatura de finais do século XX, inícios do século XXI (assim como na cultura popular contemporânea), para, num 2º momento, comparar três romances distópicos, **Ensaio sobre a Cegueira**, **Never Let Me Go** e **The Road**, exemplos de diferentes abordagens da distopia.

José Saramago, Kazuo Ishiguro e Cormac McCarthy prefiguram, nas obras referidas, mundos possíveis cuja verosimilhança entrevemos, suscitando no leitor uma reflexão acerca da sociedade sua contemporânea. Enquanto Ishiguro delineia um mundo perfeito, cujas fissuras são paulatinamente disseminadas ao longo da narrativa, Saramago e McCarthy submergem os leitores, de imediato, num universo em fragmentação.